

País deverá crescer apenas 2,5% em 98

Antes da crise, analistas previam uma taxa de crescimento entre 4% e 5%

Cleide Carvalho e Cláudia Schüffner

• SÃO PAULO e RIO. O juro alto e as medidas fiscais anunciadas ontem pelo Governo farão com que o Brasil cresça menos no ano que vem. O Produto Interno Bruto (PIB) do país deverá crescer no máximo 2,5% em 1998, contra 3,5% este ano. Antes da crise mundial das bolsas, os analistas previam uma taxa entre 4% e 5%.

O crescimento de 2,5%, porém, é estimado com base nas previsões mais otimistas de economistas e analistas do mercado financeiro. O país corre o risco de registrar crescimento zero no próximo ano caso o cenário externo permaneça tumultuado por mais tempo, forçando o Governo a manter os juros altos por um período maior do que 90 dias.

Mailson: "Na dependência da situação externa"

O economista e ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega diz que o país ficará na dependência da situação externa:

— Se ela melhora, a queda dos juros pode ser feita mais rapidamente e seus efeitos serão mais brandos.

Mailson diz que será grande a redução da demanda por carros e eletroeletrônicos, que dependem do crediário para serem vendidos. No caso dos automóveis, além de enfrentar altas taxas de juros, o setor terá de absorver um aumento de cinco pontos percentuais no Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Por ou-

tro lado, os investimentos associados à privatização serão mantidos e a construção civil receberá o impulso do Sistema Financeiro Imobiliário (SFI), que está prestes a ser aprovado. Na avaliação do economista, também não se pode esquecer que 1998 é um ano de Copa do Mundo e de eleições, que exigirá gastos para eleger um presidente, 27 governadores, 513 deputados federais, 27 senadores e 1.500 deputados estaduais.

Desemprego é consenso para o próximo ano

Para 1998, o aumento do desemprego aparece como consenso. É que a desaceleração econômica vai se juntar ao ajuste que continua a ser promovido pelas indústrias. As previsões giram entre 700 mil a um milhão de demissões no país, mas, percentualmente, a taxa de desemprego brasileiro poderá ficar entre 6% e 7%, entre um e dois pontos percentuais acima da deste ano.

Para o economista Luis Roberto Cunha, da PUC-RJ, nos primeiro trimestre do ano o PIB dificilmente crescerá 1%. Ele acredita que o Governo promoveu um ajuste fiscal duro mas extremamente necessário.

O superintendente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Cláudio Considera, diz que a duração da retração vai depender do período em que os juros permanecerão altos.

— A redução dos juros vai permitir a retomada do investimento privado — afirma Considera. ■